



LEONARDO DE SOUZA PEPE LUZ

**ESPORTES DE AVENTURA E ATIVIDADES
FÍSICAS NA NATUREZA: ESTUDO DE CASO EM
UMA ESCOLA DE LAVRAS – MG**

LAVRAS – MG

2024

LEONARDO DE SOUZA PEPE LUZ

**ESPORTES DE AVENTURA E ATIVIDADES FÍSICAS NA
NATUREZA: ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA DE LAVRAS –
MG**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Colegiado do Curso de
Educação Física para obtenção do
título de Licenciatura em Educação
Física.

Dr. Raoni Perrucci Toledo Machado

Orientador

LAVRAS – MG

2024

RESUMO

O estudo aqui descrito, trata-se de uma monografia que compõe as exigências para obtenção do título de licenciado em Educação Física, pela Universidade Federal de Lavras. Compreendendo os diversos conteúdos que são abarcados pela Educação Física Escolar, nos inclinamos em direção a esfera das atividades físicas na natureza e esporte de aventura no ambiente escolar. Notadamente são atividades que vem ganhando espaço em diversos âmbitos, mas na escola ainda é escassa a incidência deste conteúdo no cotidiano de alunos e professores. Dito isso, o estudo tem caráter de estudo de caso e prima como objetivo analisar a presença ou ausência desse conteúdo em uma escola de Lavras – MG, além de entrevistar professores para compreender qual a percepção deles acerca desta temática.

Palavras-chave: Escola; Natureza; Esporte de Aventura; Educação Física Escolar; Atividades Físicas na Natureza.

ABSTRACT

The study described here is a monograph that composes the requirements for obtaining a degree in Physical Education from the Federal University of Lavras. Understanding the various contents that are covered by School Physical Education, we lean towards the sphere of physical activities in nature and adventure sports in the school environment. Notably, these are activities that have been gaining ground in different areas, but at school the incidence of this content in the daily lives of students and teachers is still scarce. That said, the study is a case study and aims to analyze the presence or absence of this content in a school in Lavras – MG, in addition to interviewing teachers to understand their perception of this topic.

Keywords: Adventure Sports; School Physical Education; Activities in Nature.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
3. REFERENCIAL TEÓRICO	9
3.1 Educação Física Escolar.....	9
3.2 Atividades Físicas na Natureza	11
3.3 Esporte de aventura.....	14
3.4 Atividades físicas na natureza no ambiente escolar	18
4. METODOLOGIA DA PESQUISA	21
4.1 Tipo de Pesquisa	22
4.2 Objeto e População de estudo	22
4.3 Instrumentos e Procedimentos para coleta de Dados	22
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	24
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	29
APÊNDICE I	Error! Bookmark not defined.
APÊNDICE II	Error! Bookmark not defined.
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE.....	Error! Bookmark not defined.

1. INTRODUÇÃO

Adentrar ao objeto de estudo, carece de uma contextualização para que seja possível o leitor entender qual a trajetória do autor mediante ao tema escolhido. Neste caso, voltemos a minha infância, mais especificamente em Barbacena – MG, onde passei grande parte de minha vida e fui me constituindo como sujeito com o passar dos anos. Morei por anos em uma casa que ficava localizada em frente a um clube de campo, que sempre fora cercado por área verde, uma espécie de floresta em contraste a área urbana da cidade.

O clube certamente era o maior chamarisco para crianças e jovens daquela localidade, entretanto, o que sempre me chamou atenção e foi pano de fundo para as brincadeiras entre eu e meus amigos, foi a mata que cercava o local. Brincávamos das mais diversas coisas quando estávamos em contato com a floresta.

Pois bem, os anos foram passando, os amigos se distanciando e as brincadeiras na mata ficaram de lado, porém, naquele momento eu já estava tomado pelo anseio de estar em ambientes como aquele. Com o advento da adolescência, voltei a ter um contato mais íntimo com localidades ao ar livre, serras e cachoeiras tomaram espaço especial nos meus destinos para lazer. Até mesmo as amizades mais próximas tinham como ponto de convergência esse aspecto, sempre que possível promovíamos encontros para caminhar em trilhas ou ir em cachoeiras.

Já ingresso no ensino superior, me vi cercado por um campus dotado de área verde, onde ainda passo grande parte dos meus dias, e no intervalo entre uma aula e outra, me permite caminhar em meio a natureza, funcionando como um tipo de desafogo das demandas sociais cotidianas.

A descrição acima, já poderia ser motivação suficiente para que eu depreendesse meus esforços nessa direção, no entanto, o acontecimento que me permitiu vislumbrar um caminho que imbricasse meus estudos em Educação Física Escolar e natureza, foi a disciplina de atividades físicas na natureza, que me abriu um leque de possibilidades e o mais importante, despertou um interesse especial frente as outras temáticas estudadas ao longo deste período.

Para além de todo exposto até o momento, vivenciei durante a graduação um acontecimento que parou o mundo, a pandemia da COVID-19. Em 2020, todos fomos atingidos pelas circunstâncias que tomaram o cenário mundial. Mediante a exigência de isolamento, notamos que a procura por ambientes outdoor aumentaram muito, onde alguns estavam buscando realizar suas atividades físicas sem contato com outras pessoas e outros buscando este contato como alternativa de espairar e tomar fôlego para enfrentar aquele momento difícil.

O que era apenas um espaço de lazer e relaxamento, tornou-se objeto de estudo e discussões, além de tema em uma de minhas intervenções no programa Residência Pedagógica. Juntando isso, ainda temos as atividades físicas na natureza em constante ascensão e tomando espaço em diversos planos, além da forte presença midiática que envolve este tipo de prática.

Os campos de maior incidência de estudos dessa área, são Turismo e Educação Física, entretanto quando fazemos o recorte dentro da Educação Física, afim de evidenciar a Educação Física Escolar ainda se percebe uma lacuna na literatura. Deste modo, temos nosso problema de pesquisa, que é posto sobre a viabilidade da inserção de atividades físicas na natureza e esporte de aventura nas aulas de Educação Física.

Nossa hipótese, para sobre um cenário onde, sim, é possível e viável trabalhar atividades físicas natureza e esporte de aventura nas aulas de Educação Física. Entretanto, isso não ocorre devido a outros fatores que também serão investigados ao decorrer do trabalho, para que possamos refletir melhor acerca dessas questões.

Justifica-se este estudo, ao passo que compreendemos a pluralidade de conteúdos que compõem a Educação Física Escolar, e a ausência das atividades físicas na natureza e esporte de aventura nas aulas de Educação Física acaba por negligenciar saberes importantes que possivelmente seriam extrapolados para fora dos portões da escola pelos próprios alunos. Além de outros aspectos que serão apresentados mais a frente, que fortificam o argumento que defende a presença deste conteúdo tão rico nas aulas de Educação Física na escola.

2. OBJETIVO

Temos como objetivo primário a confecção de um trabalho de revisão bibliográfica, que objetiva firmar em base sólida a legitimidade das atividades físicas na natureza e o esporte de aventura como possível tema de aplicação nas aulas de Educação Física.

Como objetivo secundário, vamos observar a olhar atento e analisar se existe a presença deste tipo de atividade no contexto da educação física em uma escola de Lavras, para que possamos ilustrar de forma contextualizada e próxima o trabalho como um todo. Além de elencar quais são os fatores limitantes da prática, assim como as possibilidades que circundam a temática inserida no ambiente escolar.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Dando início ao referencial que norteia e da sustentação ao trabalho, propusemos uma leitura em quatro etapas, as quais separamos temáticas distintas, mas que se correlacionam para a construção do trabalho, sendo elas: educação física escolar, atividades físicas na natureza, esporte de aventura e atividades físicas de aventura na escola. Ao trataras etapas dois, três e quatro, buscamos na literatura, trabalhos que já se propuseram a investigar estas esferas do conhecimento, e como tratamos de um saber ainda pouco difundido, não realizamos recortes temporais no momento das buscas. Optamos pela leitura atenta, marcando pontos de convergência e divergência entre os autores, com intuito de apropriação de um panorama geral. A primeira sessão, tende a inserir o leitor a concepção de Educação Física em que o trabalho minimamente se alinha, podendo extrapolar alguns conceitos e pressupostos.

3.1 Educação Física Escolar

Damos início ao tópico que trata nosso campo basilar, a partir de uma concepção de Educação Física que acredita e reforça a cultura corporal de movimento como essencial ao funcionamento e entendimento da Educação Física no ambiente escolar. Vemos que a Educação Física Escolar sofre em alguns embates, como nos traz Tani (1991, p.63) ao dizer que:

No contexto escolar, existe uma indefinição muito grande sobre o real papel da educação física e o conteúdo por ela desenvolvido. Se comparado a outras disciplinas curriculares, na sua relação com as respectivas áreas do conhecimento, nota-se que a física existe independentemente do ensino da física. A química, a matemática, a biologia idem.

Dito isso, trazemos Darido (2005, n.p.) que ressalta:

o papel da Educação Física ultrapassa o ensinar esporte, ginástica, dança, jogos, atividades rítmicas, expressivas e conhecimento sobre o próprio corpo para todos, em seus fundamentos e técnicas (dimensão procedimental), mas inclui também os seus valores subjacentes, ou seja, quais atitudes os alunos devem ter nas e para as atividades corporais (dimensão atitudinal). E, finalmente, busca garantir o direito do aluno de saber por que ele está realizando este ou aquele movimento, isto é, quais conceitos estão ligados àqueles procedimentos (dimensão conceitual)

Corroborando temos: Daólio (1996, p.41):

A Educação Física Plural deve abarcar todas as formas da chamada cultura corporal - jogos, esportes, danças, ginásticas e lutas - e, ao mesmo tempo, deve abranger todos os alunos. Obviamente, que seu objetivo não será a aptidão física dos alunos, nem a busca de um melhor rendimento esportivo. Os elementos da cultura corporal serão tratados como conhecimentos a serem sistematizados e reconstruídos pelos alunos

A cultura corporal é "aquela parcela da cultura geral que abrange as formas culturais que se vêm historicamente construindo, nos planos material e simbólico, mediante o exercício da motricidade humana - jogo, esporte, ginásticas e práticas de aptidão física, atividades rítmicas/expressivas e dança, lutas/artes marciais" (BETTI, 2001, p. 156).

Notamos que os autores trazidos, não citam especificamente as atividades físicas na natureza e esporte de aventura, mas podemos inferir que assim como outras atividades que foram constituídas ao longo dos anos, são conteúdos legítimos da Educação Física.

Novamente em acordo a Betti (2002, p. 74 e 75) "A Educação Física deve assumir a responsabilidade de formar um cidadão capaz de posicionar-se criticamente diante das novas formas da cultura corporal de movimento".

A partir da formação desse cidadão crítico, que compreende com exatidão a Educação Física, podemos reforçar e avançar rumo a ampliação de práticas que pertencem a disciplina, mas que por alguma motivação, não são tão utilizadas, discutidas e pensadas. A partir desse movimento, a cultura corporal de movimento acaba por ser difundida socialmente, seja no plano das ideias ou na prática em si (BETTI e ZULIANI, 2002).

Darido e colaboradores (2001, p.21) indicam que:

Na prática concreta de aula significa que o aluno deve aprender a jogar queimada, futebol de casais ou basquetebol, mas, juntamente com estes conhecimentos, deve saber quais os benefícios de tais práticas, porque se pratica tais manifestações da cultura corporal hoje, quais as relações dessas atividades com a produção da mídia televisiva, imprensa, dentre outras.

Nesta perspectiva, a intencionalidade toma novo caminho, fugindo do tradicional saber fazer e partindo para um modelo onde a contextualização se faz presente, permitindo que o aluno seja capaz de rever sua prática, analisando as concepções e valores que permeiam a prática (DARIDO *et. al.* 2001).

Aproximando a Educação Física em alguma medida com a temática do trabalho aqui cunhado, temos conforme Darido e colegas (2001, p.24):

A temática relacionada ao meio ambiente vem sendo discutida com grande frequência nos últimos tempos, visto que a população tem se mostrado muito sensível aos desdobramentos da apropriação desequilibrada dos recursos naturais em torno do nosso planeta. Tais discussões trazem orientações no sentido de se evidenciarem as interpelações e a interdependência dos diversos elementos na constituição e na manutenção da vida, bem como a necessidade de se entender o ser humano como parte deste processo, exaltando os princípios da cidadania.

Ainda segundo a mesma autora, “O mesmo referencial capaz de trazer esclarecimentos sobre o relacionamento entre a sociedade e a natureza, traz também contribuições para o entendimento da relevância da Educação Física” (p.83, 2001).

E desta forma, com a criticidade que é cabível e necessária, o sujeito será capaz de evoluir de forma autônoma, perante os debates que estão envoltos na cultura corporal de movimento, assim como caminhará em passos firmes na construção de um cidadão político e transformador (BRACHT, 1999).

Findamos esta breve apresentação de concepção acerca da Educação Física Escolar, para que possamos entrar na especificidade do trabalho com terreno mais firme, à frente retomaremos a Educação Física Escolar no contexto das atividades físicas na natureza.

3.2 Atividades Físicas na Natureza

Damos início a sessão que se inclina a elucidar o conceito de atividade físicas na natureza, novamente mergulhamos na literatura tendo como finalidade observar em que medida as discussões ocorrem sobre o tema. Começamos a partir de uma visão integral, procurando entender o contexto em que as atividades físicas na natureza estão inseridas, para posteriormente observar sua inserção no ambiente escolar.

O mundo atual é vivido sob o signo da velocidade, da aceleração, como já apontado por vários autores (VIRILIO, 1998; SEVCENKO, 2001 e SANTOS, 2001). O império da técnica, a competitividade, a instantaneidade na transmissão e recepção de imagens, sons e palavras contribuem para que o fascínio pelo termo “veloz” se torne cada vez mais intenso (MARINHO, 2004).

Em uma época em que o crescimento tecnológico e as condições de vida como trabalho, moradia, alimentação etc., o ambiente urbano parece afastar as pessoas, cada vez mais do convívio com a natureza, ao mesmo tempo em que o desenvolvimento econômico segue destruindo o meio ambiente em escala planetária, é significativo que um número crescente de pessoas procure passar momentos agradáveis e emocionantes junto à natureza (MARINHO, 2008).

Apesar de o conceito de aventurar-se em expedições não ser novo, há motivações, significados e consequências claramente peculiares à época em que vivemos, principalmente quando pensamos em atividades físicas de aventura na natureza (MARINHO, 2008).

Corrêa (2008, p.42), diz que:

Constata-se, a relevância que vem assumindo as “atividades físicas de aventura na natureza”, nos últimos anos, no âmbito dos interesses individuais e coletivos da sociedade contemporânea, pois entende-se estas atividades como frutos de uma mudança fundamental na vida das pessoas sem esquecer-se de seu contexto histórico, uma vez que muitas destas atividades – por exemplo, o surf e o montanhismo – eram praticadas antes mesmo da chamada sociedade pós-moderna.

Marinho complementa isso dizendo que “De antemão, é preciso enfatizar que o conceito de aventura é dinâmico e possui diferenças significativas quando são comparados determinados fatos e épocas” (2008, p.190).

Tais atividades estão sendo entendidas como as diversas práticas manifestadas, privilegiadamente nos momentos de lazer, com características inovadoras e diferenciadas do esporte tradicional, pois as condições de prática, os objetivos, a própria motivação e os meios utilizados para o seu crescimento são outros. Há também a participação de equipamentos tecnológicos inovadores, permitindo uma fluidez entre o praticante e o espaço da prática, sendo esse espaço terra, água ou ar. São atividades dominadas por riscos e perigos, na medida do possível, não ocorrendo treinamentos intensivos prévios, como no caso do esporte tradicional e de práticas corporais como a ginástica e a musculação.

Talvez este caráter inovador, seja um dos grandes fatores que motivam cada vez mais pessoas a procurar as atividades físicas na natureza, a mudanças de cenário contribuem para que a mesmice e a monotonia do ginásio sejam extrapoladas a ambientes externos, onde não se pode ter controle de elementos naturais.

Entretanto, para não incorrer no sentimento de fracasso ou frustração, deve-se prezar a possibilidade de superar aqueles riscos e desafios da prática ofertada, deste modo, mesmo na incorrência de fatores como o desconhecido, medo e imprevisibilidade, faz-se necessário trabalhar dentro da realidade de coisas e situações palpáveis.

Marinho (2008, p. 176) ressalta que “Vale lembrar que, apesar de muitas vezes as pessoas considerarem a palavra riscone negativamente, ela também é associada à busca de resultados positivos.”. Uma vez que o risco parece ser constantemente associado a aventura, o que acaba por tornar a atividade mais interessante e provocadora.

Continua a autora: “Contudo, tanto quanto a busca por situações de risco, a base das atividades físicas de aventura desenvolvidas na natureza também parece aproximar-se da procura por situações novas, desafiadoras e transmissoras de novos conhecimentos.” (2008, p.189).

Para além, as atividades físicas na natureza hoje em dia, carregam consigo uma essência de consciência e bem-estar físico e emocional, desembocando em um modelo de vida mais positivo (MARINHO, 2008).

A experimentação acontece de maneira mais direta, havendo um afastamento de rendimentos planejados (MARINHO, 2001; MARINHO; BRUHNS, 2005, 2003, 2001).

Com a expansão da internet, isso torna-se mais evidente, as redes sociais estão repletas de páginas e influenciadores voltados a esse nicho, e o mercado de produtos acompanha esse crescimento, como itens para *trekking* e *camping*.

O surgimento de novas tecnologias, criadoras de novas possibilidades de vivências no lazer, conduz a um repensar sobre os significados de proximidade, distância, individualidade, sociabilidade, mobilidade, meio ambiente e aventura (MARINHO, 2008).

No cenário atual, muitas atividades físicas na natureza estão cercadas de recursos, seja atividade mediada por um implemento tecnológico como os relógios de navegação, ou construções em meio a natureza que propiciam a prática cercada pelo ambiente aberto. Perpassando estes recursos físicos e tecnológicos, ainda temos a forte presença de recurso de pessoal, guias e empresas especializadas neste tipo de atividade tomam conta do mercado atual.

No entanto, o que se mostra como facilitador acaba por vezes tornando-se algo destrutivo ao local em que se instalam, corroborando a esta ideia, temos o que nos trouxe Corrêa (2008, p.40): “Não se pode esquecer que nas atividades físicas desenvolvidas na natureza prevalecem um rótulo atraente e comercializável, um objeto de consumo fomentando, muitas vezes, um turismo predatório”.

Reforçando a discussão, temos em Paixão, Costa e Gabriel (2009, p.371):

Geralmente, as discussões voltadas para a preservação do meio ambiente, bem como a busca de alternativas para tal problemática, que se configura numa proporção planetária, encontram-se ainda num patamar longe do desejado, sobretudo pela prevalência do aspecto econômico sobre os demais na sociedade de consumo.

Notadamente o trabalho em questão trata de uma perspectiva mais voltada na relação entre professor/profissional de Educação Física, entretanto, este universo é habitado por outras áreas e profissionais, como Turismo, Lazer, Ciências Sociais, Biologia e Geografia. (CORREA, 2008).

O que podemos inferir é que as atividades físicas na natureza compreendem um grupo maior de pessoas e possibilidades, tendo em vista que muitas atividades comuns em academias e centros esportivos podem ser realocadas para um ambiente externo, e a partir dessa mudança de horizonte, o profissional deve mudar junto sua postura, para que não incorra na degradação do ambiente de prática.

3.3 Esporte de aventura

O esporte de aventura, através de suas diversas e diferentes modalidades, compreende um grande arcabouço de atividades desenvolvidas em meio a natureza e que possuem algumas características necessárias a prática, como o risco e a imprevisibilidade climática, dado que uma intempérie na natureza, seja por chuva, sol, vento dentro outras variáveis, acaba por modificar toda a dinâmica de exigências da prática.

A prática de esporte de aventura é um evento que vem crescendo no Brasil nas últimas décadas. O esporte de aventura surge a partir de novos paradigmas centrados na (re)aproximação com a natureza, na autorrealização, no lazer e na melhoria da qualidade de vida, os quais buscam substituir as formas de competição, rendimento e esforço pela incerteza, risco e liberdade (COICEIRO, 2007; COSTA, 2000; MARINHO; BRUHNS, 2003; PASSOS, 2004).

As práticas esportivas de aventura são conhecidas pela busca por sensações novas, com um caráter prazeroso, plenitude pessoal, evasão divertida e o contato com a natureza. No início da década de 90, pode-se observar uma maior esportivização dessas práticas, ou pelo menos, de grande parte desses “novos esportes”, que tiveram uma crescente procura como forma de lazer na década de 70 (BETRÁN, 2003).

A prática de esporte de aventura em muitos casos é concebida como forma de fuga da realidade caótica, do ritmo corrido e exaustivo da cidade, uma maneira de desacelerar e ocupar a mente com elementos que não são comuns ao cotidiano, deste modo são capazes de deslocar o pensamento para um novo tipo de imersão (BAHIA e SAMPAIO, 2007).

O esporte de aventura, além da presença em ambientes *outdoor* e na natureza, também acontece em áreas urbanas, como vemos em “de outro lado, skate de rua e downhill, geocaching, espeleologia urbana, rapel, slackline, BASE Jump e parkour ainda são predominantemente práticas urbanas de exploração não-usual da arquitetura cidadina” (PIMENTEL, 2013, p. 696)

Acerca do perfil dos praticantes, temos o que nos trouxe Bahia e Sampaio (2007, p.179):

Alguns grupos se formam, de acordo com a convergência de seus interesses e desejos, em torno dessas práticas, revelando emoções, sentidos, simbolismo, dimensões culturais de vivenciar tais experiências e buscam, em atividades de risco e aventura, o sentimento de glória, de vitória. Além disso, a busca de uma identidade própria, de “ser diferente”, de tentar ir de encontro aos preceitos de um mundo globalizado, canaliza motivações para vivenciar atividades na natureza

E para Paixão e Tucher (2010, p.2):

O praticante deverá aliar uma série de saberes, que incluem domínio da técnica, habilidades adequadas à modalidade que está realizando, conhecimento e emprego da tecnologia e de equipamentos, capacidade de decifrar informações referentes ao ambiente natural. Ainda, diante do imprevisto, esse profissional deverá ter capacidade de decidir e agir antecipadamente, por meio de estratégias a serem utilizadas para superar o obstáculo (risco objetivo) e atingir seus objetivos no decorrer da prática esportiva.

Ainda sobre o perfil do praticante, notamos um aumento da presença do público feminino nas práticas esportivas de aventura, o que se dá, a partir das suas características receptiva, ao passo que se mostram alternativa notável e aberta a ambos os sexos (PAIXÃO e TUCHER, 2010).

Apesar da aventura, como tentativa subjetiva da busca de emoções frente ao inusitado, talvez seja uma constante antropológica, é na contemporaneidade que se experimenta uma diversificação de atividades físicas de aventura, na perspectiva do lazer. Em tese, elas estão ligadas a sensações de risco e atordoamento, exacerbações controladas das emoções e, em muitos casos, conciliação com a natureza e com outras dimensões sensíveis, cuja busca de revalorização aponta para um diferencial dessas práticas em relação ao esporte convencional (BRUHNS, 2003; SCHWARTZ, 2006; MARINHO,

2008).

O esporte de aventura trata-se de práticas físicas inovadoras e diferenciadas, que, ao contrário das modalidades de esporte clássicos, como o vôlei, o basquetebol e o futsal,

impõem o esforço gerador da atividade ao atleta. O esporte de aventura se vale das energias provenientes dos elementos da natureza, como vento, ondas térmicas, correntezas, declives de montanha (*surf*, *rafting*, canoagem, asa delta, *ski*, entre outras), ou, ainda, de uma força energética exterior, proveniente de uma máquina motorizada (motociclismo, automobilismo, ultraleve, *ski* náutico). Assim, por meio de intensa fusão entre o corpo do praticante e a força energética da natureza, torna-se possível a realização de movimento, levando-o a associar sua *performance* num equilíbrio dinâmico na efetivação da prática de uma dada modalidade de esporte de aventura com êxito (COSTA, 2000).

Buscando compreender um pouco mais sobre os sentimentos e emoções que circundam a prática de esporte de aventura, temos um interessante apontamento de Lavoura e Machado (2006, p.143):

Quando pensamos nas influências dos estados emocionais na prática esportiva, pressupomos que, nos esportes de aventura, esses sentimentos e emoções ganham maior conotação, devido às características destes esportes, como vertigem, ilinx, risco controlado e emoções “à flor da pele”, desencadeadas pelas diferentes situações e experimentações nas relações entre homem e natureza.

Em contrapartida, vale ressaltar que com a disseminação exacerbada do termo adrenalina, que é muito vinculado a este tipo de prática, outros termos que definem melhor os sentimentos do praticante acabam sendo confundidos, incorrendo no erro de atribuir sensações como o prazer e o bem-estar, apenas a adrenalina (BAHIA e SAMPAIO, 2007).

Lavoura e Machado (2006, p.144), acreditam que “uma adequada preparação e controle emocional dos sujeitos praticantes destas atividades físicas de aventura na natureza que objetivam desempenho esportivo, estando à mercê de regulamentos e resultados, seja fundamental”. E Bruhns (1999) argumenta, que o contato do homem com o meio natural promove uma maior sensibilização humana, fazendo-o experimentar um número maior de emoções e sensações, tem-se uma maior preocupação no sentido de que tais indivíduos sejam capazes de identificar, analisar e agir adequadamente, adaptando-se a cada situação.

Outro aspecto que diverge o esporte de aventura do esporte tradicional, fica posta sobre a construção do ambiente de prática, pois muitas vezes são ambientes com obstáculos e desafios naturais, o que torna o desejo pela tarefa mais complexo e interessante. (BAHIA e SAMPAIO, 2007).

3.4 Atividades físicas na natureza no ambiente escolar

Mediante aos escritos nos tópicos anteriores, a intenção desta seção é compreender se existe espaço para este tipo de atividade no contexto educacional, mais propriamente dito, na escola.

Primariamente, vale ressaltar o respaldo que legitima as atividades físicas na natureza no ambiente escolar, que nos é apresentado na BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Entretanto, no documento normativo em questão, vemos a unidade temática aqui tratada sendo nomeada como Práticas Corporais de Aventura.

Brasil (2018, p. 218):

exploram-se expressões e formas de experimentação corporal centradas nas perícias e proezas provocadas pelas situações de imprevisibilidade que se apresentam quando o praticante interage com um ambiente desafiador. Algumas dessas práticas costumam receber outras denominações, como esportes de risco, esportes alternativos e esportes extremos. Assim como as demais práticas, elas são objeto também de diferentes classificações, conforme o critério que se utilize.

O documento nos traz que “as práticas corporais de aventura devem ser adaptadas às condições da escola, ocorrendo de maneira simulada, tomando-se como referência o cenário de cada contexto escolar” (Brasil, 2018, p. 219).

O surgimento constante de novas modalidades, acompanhado pelo crescente número de adeptos de diferentes formações culturais, faixas etárias, níveis sociais e campos de atuação profissional, evidencia não somente o seu potencial econômico, como ainda que o esporte de aventura e risco calculado configura-se uma realidade no âmbito atual (MARINHO; BRUHNS, 2003).

O panorama até aqui oferecido circunscreve o esporte de aventura como um campo de intervenção profissional docente revolucionário, atraente e carregado de possibilidades para diferentes âmbitos de ensino e aprendizagem, inclusive o escolar (PAIXÃO, 2016).

Perpassando o aspecto do entretenimento que uma aula em ambiência diferente provoca, as atividades físicas na natureza quando inseridas no ambiente escolar, são capazes de provocar conversas e discussões acerca de um tema que vem tomando espaço socialmente, o meio ambiente (FRANÇA e DOMINGUES, 2015).

Como área de conhecimento e fonte de intervenção social, a Educação Física como componente curricular, consegue dar conta de forma específica e profícua da abordagem de temas que relacionam as práticas corporais ao meio ambiente e à natureza. O esporte de aventura proporciona ao profissional de Educação Física essa plataforma de trabalho (PAIXÃO, 2016).

Inquestionavelmente, a incorporação de novos conteúdos na escola é um processo

árduo, no qual se faz essencial o rompimento de paradigmas, que se encontram impregnado na própria história escolar. E nesse estado, a tradição das práticas esportivas é a mais difícil de ser rompida. É inegável que, na maioria das vezes, o esporte, comumente trabalhados na escola, como aqueles que se inserem na categoria de modalidade esportiva coletiva, conseguem atender ao gosto de uma boa parte dos formandos da educação básica. No entanto, não se pode desconsiderar que esses alunos devem, e têm o direito, de receber muitos outros conhecimentos presentes na Cultura Corporal de Movimento e assim, acrescentar em seus conhecimentos, experiências e possibilidades de escolhas (PAIXÃO, 2016).

Como afirma Franco (2008), ao se dar uma oportunidade aos alunos da educação básica para obter conhecimentos e habilidades sobre as práticas corporais na natureza e práticas esportivas alternativas aos tradicionais. Eles podem utilizar essas opções para uso no tempodisponível já na idade em que se encontram, mas, especialmente, na fase adulta, em que sua autonomia de escolha e independência aumentam significativamente.

As diferentes modalidades que compõem o esporte de aventura configuram-se como possibilidades de lazer, turismo, competição e mais recentemente como propostas de temas nas aulas de Educação Física escolar. Há estudos que mostram possibilidades do esporte de aventura em contextos diferenciados e surgem indícios de como podem ser apropriados para serem trabalhadas no âmbito escolar (UVINHA, 2004; CARDOSO et al. 2006; MARINHO; SCHWARTZ, 2001).

Em outra perspectiva, podemos adotar as atividades físicas de natureza no ambiente escolar como facilitador de um trabalho de ordem transversal, quando tratamos assuntos como o meio ambiente (TAHARA e DARIDO, 2016).

Para reafirmar a importância de trazer este tipo de conteúdo ao ambiente escolar, temos em Tahara e Darido (2016, p.120) que:

Em virtude da gama de opções de conteúdos da área da Educação Física que poderiam ser ministrados no desenvolvimento das aulas na escola, tem-se a clareza de que os alunos deveriam ter o direito em conhecer a cultura corporal de movimento e suas múltiplas possibilidades de abordagem, aumentando desta forma seus entendimentos, novas experiências de leitura de mundo e outras formas de experimentação de práticas para uma futura adesão em sua vida adulta e em momentos de lazer

Um interessante ponto focalizado por França e Domingues (2015) trata do avanço tecnológico que atualmente atinge em grande escala crianças e adolescentes, partindo dessa afirmativa os autores vislumbram nas atividades físicas na natureza/ esporte de aventura uma exponencial ferramenta de mudança deste panorama. Ao passo que o maior contato com a natureza pode provocar a reflexão, com intuito de equilibrar o uso

exagerado da tecnologia. Para França e Domingues (2015, p.3) “Durante essas atividades, o corpo passa a ser um receptor e emissor de informações, e não apenas instrumento de ação, despertando novas sensibilidades, e permitindo as experiências na relação do corpo com o meio”.

Novamente em apoio aos referidos autores, temos observado que mediado por um professor de Educação Física que se proponha a contextualizar a prática, discussões como corpo/movimento, corpo/meio ambiente e movimento/sociedade, podem ser oportunizadas com a introdução das atividades físicas na natureza e esporte de aventura como conteúdo (FRANÇA e DOMINGUES, 2015).

Na contramão dos aspectos facilitadores de inserção deste tipo de conteúdo na Educação Física Escolar, por Tahara e Darido (2016) temos o impasse posto sobre a necessidade de materiais específicos em grande parte das atividades, o que dificultaria a pluralidade de atividades físicas de aventura na escola. Os autores complementam dizendo que “Entretanto, outras modalidades são bastante simples em sua essência, como é o caso do trekking, a corrida de orientação, o sandboard, entre outros, o que facilita sua inserção entre os educandos, independente de seus contextos socioculturais” (2016, p.63).

Novamente reforçando a potencialidade, assim como a real possibilidade de exploração da temática no entorno da escola, temos em Tahara e Darido (2016, p. 131):

haja vista que tais práticas compreendem uma série de modalidades em si (aquáticas, terrestres ou aéreas/na natureza ou em meio urbano). Ademais, há variadas maneiras em promover adaptações em algumas práticas a depender do contexto e realidade local da instituição.

É interessante observar o movimento em que o referido trabalho faz, apresentando pontos de tensão postos sobre a prática, para posteriormente indicar possibilidades de caminhos para os professores. Em suma, é necessário compreender que as atividades físicas na natureza e o esporte de aventura, possuem características distintas da grande maioria das modalidades, como por exemplo o risco. Mas, não podemos nos fechar para a temática por conta destes fatores, uma vez que a potencialidade da temática se dá por estas características desafiadoras, que podem ser contornadas ou em momentos mais oportunos de tempo e material, podem ser exploradas.

4. METODOLOGIA DA PESQUISA

O presente estudo trata-se de um estudo de caso, uma vez que investiga em mais de um panorama a realidade de uma instituição escolar na cidade de Lavras. Ainda sobre o estudo de caso, é importante ressaltar que a população de estudo analisada, em sua singularidade, mesmo que inserida em uma mesma instituição, tem sua liberdade e caminha sem amarras perante seus colegas de profissão.

Conforme os ditos de Meirinhos e Osório (2010, p.64):

O estudo de caso é frequentemente referido como permitindo estudar o objecto (caso) no seu contexto real, utilizando múltiplas fontes de evidência (qualitativas e quantitativas) e enquadra-se numa lógica de construção de conhecimento, incorporando a subjectividade do investigador. Poderá ser uma estratégia poderosa quando o contexto é complexo e quando entrecruza um conjunto complexo de variáveis.

A opção pelo estudo de caso se fez confluída com preceitos de exploração. Logo, ainda em conformidade com Meirinhos e Osório (2010, p.57) “Os estudos exploratórios têm como finalidade definir as questões ou hipóteses para uma investigação posterior. Isto é, são o prelúdio para uma investigação subsequente, mas não necessariamente um estudo de caso”. Tendo em vista esta questão, buscamos na literatura o aporte necessário para junção entre estudo de caso e pesquisa exploratória.

A metodologia de pesquisa escolhida, foi pautada no trabalho de Gerhardt e Silveira (2009) que nos traz que a pesquisa básica, tem por objetivo gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da Ciência, não possuindo aplicação na prática prevista. O objetivo é exploratório, que proporciona maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito ou construindo hipóteses. “Buscam uma abordagem do fenômeno pelo levantamento de informações que poderão levar o pesquisador a conhecer mais a seu respeito” (GERHARDT e SILVEIRA 2009, p.69).

Outro importante apontamento das autoras fica por conta da delimitação do estudo, partindo do ponto que o objeto a ser estudado deve estar estabelecido e claro, para que não existam complicações e conflitos metodológicos no desenvolvimento da pesquisa.

A escolha do viés das análises da pesquisa, qualitativo ou quantitativo também deve respeitar o objeto de estudo, assim como os objetivos do pesquisador, incorrer na escolha errônea, acaba comprometendo a qualidade e a fidelidade do material coletado, o que põe em risco todo o restante.

O procedimento de coleta de dados, também deve ser escolhido com perspicácia, uma vez que segundo Gerhardt e Silveira (2009, p.70 e 71):

A coleta de dados é a busca por informações para a elucidação do fenômeno ou fato que o pesquisador quer desvendar. O instrumental técnico elaborado pelo pesquisador para o registro e a medição dos dados deverá preencher os seguintes requisitos: validade, confiabilidade e precisão

As autoras ainda alertam sobre a importância de um contato prévio, para que o entrevistado não se sinta pressionado ou induzido a alguma resposta, entretanto isso não será problema, pois a relação entre entrevistado e pesquisador já existe em decorrência de outros projetos desenvolvidos em conjunto.

4.1 Tipo de Pesquisa

Optamos pela realização de uma pesquisa de natureza básica e de caráter exploratório, pautada na realização de uma revisão de literatura, que tem como intuito elencar estudos que possam reforçar a legitimidade da atividade física na natureza, assim como o esporte de aventura no ambiente escolar.

Na direção de ilustrar de forma mais contextualizada, realizamos ainda uma pesquisa de campo, tomando uma escola da rede de ensino de Lavras – MG, onde fizemos a coleta de entrevistas com professores de Educação Física, que puderam expor qual seu nível de intimidade com a temática, além de indicar motivos para ausência ou presença do conteúdo em seu fazer docente.

4.2 Objeto e População de estudo

O objeto de estudo, devido suas peculiaridades e seu pouco arcabouço teórico/prático, fica pautado no levantamento bibliográfico, que nos indica o caminho percorrido até o momento. O levantamento acontece a partir de livros, artigos e periódicos que tratam o assunto em pauta, além de algumas de suas ramificações e desdobramentos da temática.

Como sujeitos de pesquisa a serem consultados, temos a participação de três professores inseridos na escola escolhida para o desenvolvimento da pesquisa. Vale ressaltar que a cidade em que o objeto assim como a população de estudo está inserido, tem como característica a grande presença de atividades e esportes de aventura, tanto em meios naturais quanto urbanos. Acontece que a geolocalização da cidade é privilegiada no tocante a estes tipos de atividades.

4.3 Instrumentos e Procedimentos para coleta de Dados

Todas as informações serão colhidas através de um modelo de entrevista/questionário semiestruturadas (Apêndice 1), onde serão realizadas perguntas norteadoras e abertas a respostas dissertativas. Que segundo Gerhardt e Silveira (2009, p.74) se dá ao passo que:

O pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal.

É necessário enfatizar que os professores participantes devem estar cientes de sua contribuição para o trabalho, deste modo para a participação efetiva na pesquisa é necessário que leiam e estejam de acordo com o Termo de Esclarecimento Livre e Esclarecido (TCLE). Consta o modelo no apêndice II.

A análise do material será feita de forma qualitativa, obedecendo os pressupostos e as potencialidades elencadas por Gerhardt e Silveira (2009, p.60), como na citação a seguir:

Uma vez que os dados foram coletados, trata-se de verificar se essas informações correspondem às hipóteses, ou seja, se os resultados observados correspondem aos resultados esperados pelas hipóteses ou questões da pesquisa. Assim, o primeiro passo da análise das informações é a verificação empírica. Mas a realidade é sempre mais complexa do que as hipóteses e questões elaboradas pelo pesquisador, e uma coleta de dados rigorosa sempre traz à tona outros elementos ou outras relações não cogitadas inicialmente.

O cruzamento entre hipótese e resultados observados acaba conseqüentemente provocando reflexões importantes, que elucidam melhor o panorama em que se encontra o objeto de estudo e seu ambiente, devemos ainda zelar pela imparcialidade em todas as etapas.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a coleta das entrevistas, obtivemos a resposta de três professores, que em alguma medida se propuseram a contribuir com o trabalho a partir de seu relato pessoal e profissional. Apresentaremos os resultados de forma expositiva, mas preservando a identidade dos participantes, tomaremos como nomenclatura professores **A**, **B** e **C**.

O professor **A** respondeu que **SIM**, quando perguntado se já trabalhou ou trabalha as atividades físicas na natureza e esporte de aventura na escola. A partir dessa primeira resposta, o professor **A** pôde dissertar sobre sua experiência e nos trouxe o seguinte trecho:

“Atividades físicas na natureza e práticas de aventuras estão presentes com bastante frequência nos conteúdos dos 7º anos. Abordar tais conteúdos se torna um grande desafio quando pensamos no local para a prática e nos materiais necessários, porém com as devidas adaptações, é possível aproximar de uma prática efetiva e que traga vivências necessárias. Como exemplo disso, adaptamos o arvorismo usando o cabo aéreo, atividade em que os alunos precisam se deslocar de dois pontos suspensos utilizando cordas como caminho e apoio em uma altura de 4 metros. Outro exemplo é a corrida de orientação feita nas dependências da escola simulando o ambiente da mata. Utilizamos mapa e bússola para orientação dos alunos. Também já foi realizado a tirolesa, escalada e rapel com as devidas adaptações e segurança fornecida pelos bombeiros. Mesmo que não seja possível abordá-las exatamente como são, as adaptações trazem a compreensão e vivência que servem de incentivo para a realização em outros espaços e momentos”.

O professor **B**, indicou que **NÃO**, ao ser perguntado sobre o trabalho de atividades físicas na natureza e esporte de aventura em suas aulas. Quando questionado acerca da resposta negativa, ele nos indicou que:

“O colégio que eu ministrava aula, no Rio de Janeiro, até o ano passado, não disponibilizava de espaço físico e nem de material apropriado para a execução dos exercícios e segurança dos alunos para os conteúdos mencionados. Na escola que ministro aula atualmente, houve um projeto de tirolesa e escalada desenvolvido por outro professor da escola, e com bombeiro militar a serviço na unidade escolar”.

Por fim, o professor **C** surpreendeu ao marcar **SIM** e **NÃO** para a pergunta sobre seu trabalho com a temática na escola, na oportunidade de explicitar sua marcação, ele nos trouxe dois trechos interessantes:

“Sim, porque no CTPM os alunos possuem um livro didático que é abordado o tema no 8º ano do ensino fundamental e no 1º e 3º ano do ensino médio. No 8º ano o conteúdo ministrado é a corrida de orientação e esse conseguimos reproduzir adaptando nosso espaço e regras no próprio batalhão e escola. No entanto, as práticas de aventura são apresentadas aos alunos nas aulas teóricas, através do próprio livro e de vídeos. Até o

momento a única prática que conseguiu trazer para a escola foi o skate”

E ao dissertar sobre a negativa trouxe o seguinte trecho:

“Não, porque como citei anteriormente, sinto que falta a vivência prática além da burocracia que também limita a ida desses alunos ao encontro dessas práticas que também são pouco ofertadas em nossa cidade.”

Perante o material colhido nas entrevistas, podemos notar que a utilização das atividades físicas na natureza, assim como os esportes de aventura ainda não são unanimidade entre os professores, mesmo que inseridos na mesma instituição. Tivemos uma situação incomum ao observar as respostas, sendo entrevistados três professores, acreditávamos que um lado obrigatoriamente iria se destacar frente o outro, no entanto o que observamos foi que na instituição escolar escolhida, tanto a temática, quanto os relatos pró e contra ficaram em pé de igualdade. Terminamos a coleta com 2 votos para Sim e 2 votos para Não, na questão que perguntava sobre a incidência do conteúdo atividades físicas na natureza e esporte de aventura nas aulas de Educação Física.

Sobre as respostas discursivas, observamos a incidência de alguns pontos que tomaram destaque na percepção dos professores perante a prática, vamos destacar na tabela a seguir alguns:

Tabela 1:

ELEMENTOS QUE DIFICULTAM
Falta de Espaço
Falta de Material
Falta de Vivência do Professor

Os elementos encontrados e apontados como dificultadores da prática, refletem certa falta de conhecimento acerca da temática, uma vez que podem ser contornados sem grandes dificuldades por meio de adaptações, como bem propôs o professor **A**.

Contudo, por se tratar de uma prática ainda não tão difundida e que incorre a riscos, a dificuldade dos professores mostra-se legítima, podemos inferir que devido o fator risco ser presente em muitas atividades, o professor acaba ficando em situação desconfortável e acaba negligenciando este saber, ou apenas trabalhando sua dimensão conceitual/teórica, por intermédio de livros didáticos, como fora apontada na resposta do professor **C**.

Como objetivo do trabalho se inclina em reforçar a legitimidade e usualidade da prática de atividades físicas na natureza, assim como do esporte de aventura, não nos debruçaremos mais profundamente nos relatos dos professores, o que carecia de apoio na análise do discurso e fugiria parcialmente da proposta inicial da coleta, que foi indicada para ilustrar de forma contextualizada o cenário ao qual as atividades físicas na natureza e esporte

de aventura estão inseridas no ambiente escolar.

Notamos certo desalinho em relação ao que propõe a BNCC, frente ao que foi relatado pelo professor B, uma vez que a proposta no documento normativo é posta sobre a possibilidade de aplicação por meio de adaptações, além da duplicidade que se pode ser trabalhada em meios urbanos e na natureza. O professor C, também trouxe uma justificativa negativa que vem em direção contrária a BNCC, uma vez que não se inclina a promover adaptações e indica que a ausência da temática em suas aulas vem alinhada a falta de oferta deste tipo de atividade na cidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Findadas as seções anteriores e mediante a exposição dos resultados encontrados na

pesquisa de campo, podemos reforçar que as constatações presentes na literatura caminham paralelamente ao cotidiano escolar, uma vez que muitos apontamentos indicados nos trabalhos que se propuseram a discutir esta temática foram reforçados no discurso dos professores entrevistados.

Primariamente, após revisar todo o levantamento bibliográfico nota-se um distanciamento cronológico entre as seções, Educação Física Escolar, Atividades Físicas na Natureza, Esporte de aventura para com a seção Atividades Físicas na Natureza no Ambiente Escolar, o que nos dá mais clareza sobre o quão recente são estes estudos associando a Educação Física Escolar e Atividades Físicas na Natureza. Nas três primeiras seções, vemos citações compreendidas entre os 10 primeiros anos do século XXI, já na quarta e última seção, todos trabalhos elencados foram regidos nos 10 últimos anos.

As questões que acabam por negar a presença das atividades físicas na natureza e do esporte de aventura na escola, sempre estão pautadas em impasses como o **espaço, material e falta de conhecimento prévio**.

Contudo, Paixão (2016, p.175) nos traz que:

No que se refere à dimensão procedimental, que trata do ‘como fazer’, podem ser desenvolvidas as técnicas de movimentos, as técnicas e princípios relacionados à segurança e bem estar do praticante, os processos pedagógicos e as adaptações necessárias do esporte para cada faixa etária e condições da escola

Acreditamos que a adaptação tanto de espaços quanto de materiais, viabiliza a introdução deste tipo de atividade no ambiente escolar, mas acaba esbarrando na questão do conhecimento prévio do professor perante aquele conteúdo, e deste modo acaba ficando em segundo plano quando comparada a outras atividades.

Perpassando estas questões, podemos observar que ainda neste cenário existem atividades em que a utilização de espaço específico e material de igual especificidade não se faz necessária.

Como nos sugere Tahara e Darido (2016, p.216):

Conquanto, os autores apresentam práticas que não requerem equipamentos específicos, o que por sua vez, facilita sua inclusão em meio escolar, tais como o trekking, as corridas de orientação, o skate, as caminhadas ecológicas, entre outras, pelo fato de serem atividades esportivas que se adaptam bem à realidade da maioria das escolas públicas brasileiras.

As autoras ainda nos apontam que, “Entretanto, aceitar esta situação e “cruzar os braços” pode não ser a atitude mais correta dos professores a ser tomada. Mesmo diante de tais problemas, por que não adaptar e usar a criatividade?” (2016, p.126).

Notadamente, durante a construção do trabalho pudemos construir a ideia de que não

são necessários o espaço e o material específico para garantir que os alunos possam vivenciar este tipo de prática. Uma vez que o professor se debruça sobre a temática, acaba por encontrar caminhos possíveis para qualquer realidade de escola, passando pelas barreiras mais diversas, como dificuldades arquitetônicas, falta de material e risco.

Em síntese, cabe ao professor se apropriar dos saberes envolvidos naquela prática, para refletir e desenhar o caminho mais palpável para o trabalho com as atividades físicas de natureza e esporte de aventura na escola. Para que isso ocorra é necessário que existam mais trabalhos como este, assim como uma maior prevalência destes assuntos em espaços de formação (inicial/continuada), onde o debate possa escalar novos níveis e suavizar ainda mais as dificuldades relatadas por professores em sala de aula. Acreditamos que o trabalho aqui cunhado, atingiu seus objetivos primários e secundários, e como saldo positivo temos a reafirmação da necessidade de maior debate sobre o tema, além de uma análise mais voltada ao ambiente onde estamos inseridos.

REFERÊNCIAS

BAHIA, M.C.; SAMPAIO, T.M.V. **Em busca das atitudes vivenciadas nos esportes de aventura**. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 28, n. 3, p. 173-189, maio 2007.

BETRÁN, J. O. **Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza**. In: MARINHO, A., BRUHNS, H. T. Turismo, lazer e natureza. São Paulo: Manole, 2003.

BETTI, M. **Educação física e sociologia: novas e velhas questões no contexto brasileiro**. In: CARVALHO, Y.M. de; RUBIO, K. (Org.). Educação física e ciências humanas. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 155-169.

BETTI, M.; ZULIANI, L.R. **Educação Física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas**. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte – 2002.

BRACHT, Valter. **A constituição das teorias pedagógicas da educação física**. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48, agosto/99

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRUHNS, H. T. **Lazer e meio ambiente: reflexões sobre turismos de aventura**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, SP, v.21, n.1, p.727-731, 1999.

CARDOSO, A. R.; SILVA, A.; FELIPE, G. R. **A educação pela aventura: desmistificando sensações e emoções**. Motriz, Rio Claro, v. 12, n. 1, p. 77-87, jan./abr. 20

COICEIRO, G. A. **O imaginário social de aventureiros do extremo: o universo simbólico dos praticantes de provas de ultra resistência**. 136 folhas. Tese (Doutorado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007.

CORREA, E.A. **Formação do profissional de Educação Física no contexto das atividades físicas de aventura na natureza**. Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Motricidade – Pedagogia da Motricidade Humana. 2008.

COSTA, V. L. M. **Esportes de aventura e risco calculado na montanha: um mergulho no imaginário**. São Paulo: Manole, 2000.

DARIDO, Suraya. **Os conteúdos na educação física escolar**. Os Conteúdos da Educação Física na Escola. In: DARIDO, Suraya Cristina Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 2005

DARIDO, Suraya et. al. **A Educação Física, a formação do cidadão e os parâmetros curriculares nacionais**. Rev. paul. Educ. Fís., São Paulo, 15(1):17-32, jan./jun. 2001

FRANCO, L. C. P. **Atividades físicas de aventura na escola: uma proposta pedagógica nas três dimensões do conteúdo**. 133 folhas. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade). Programa de Pós- Graduação em Ciências da Motricidade. Universidade

Estadual Paulista, Rio Claro, 2008.

FRANÇA, D.L.; DOMINGUES, S.C. **Esportes de aventura nas aulas de Educação Física**. Revista Chão de Escola. 2015.

GERHARDT, T.E.; SILVEIRA, D.T. **Métodos de pesquisa**. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

LAVOURA, Tiago Nicola; MACHADO, Afonso Antonio. **Esporte de aventura de rendimento e estados emocionais: relações entre ansiedade, autoconfiança e auto-eficácia**. Motriz. Journal of Physical Education. UNESP, p. 143-148, 2006.

MARINHO, Alcyane. **Atividades na natureza, lazer e educação ambiental: refletindo sobre algumas possibilidades**. Motrivivência, n. 22, p. 47-70, 2004.

MARINHO, Alcyane. **Lazer, aventura e risco: reflexões sobre atividades realizadas na natureza**. Movimento, v. 14, n. 2, p. 181-206, 2008

MARINHO, Alcyane. Lazer, **natureza e aventura: compartilhando emoções e compromissos**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 22, n. 2, p. 143-153, 2001.

MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa T. **Body relationships in an urban adventure setting**. Journal of Leisure Studies. Forest Row, v. 24, n. 3, p. 223-238, 2005.

MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa T. (Org.). **Turismo, lazer e natureza**. São Paulo: Manole, 2003.

MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa T. **La escalada y las actividades de aventura: realizando sueños lúcidos y lúdicos**. Apuntes: Educación Física y Deportes, Barcelona, n. 65, p. 105-110, 2001.

MARINHO, A.; SCHWARTZ, G. M.; LETIZIO, J. B. **Atividades de Aventura no contexto acadêmico**. Anais do II Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana e VIII Simpósio Paulista de Educação Física. Motriz Revista de Educação Física UNESP Rio Claro (SP), nov. 2001.

MEIRINHOS, Manuel.; OSÓRIO, Antônio. O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. EDUSER: revista de educação, Vol 2(2), 2010.

PAIXÃO, Jairo Antônio da. **O esporte de aventura como conteúdo possível nas aulas de educação física escolar**. 2016.

PAIXÃO, J.A.; COSTA, V.L.; GABRIEL, R.E.C. **Esporte de aventura e ambiente natural: dimensão preservacional na sociedade de consumo**. Motriz, Rio Claro, v.15, n.2, p.367-373, abr./jun. 2009.

PAIXÃO, J.A.; TUCHER, G. **Risco e aventura por entre as montanhas de Minas: a formação do profissional de esporte de aventura**. Pensar a Prática, Goiânia, v. 13, n. 3, p. 119, set./dez. 2010.

PASSOS, K. C. M. **Caminhando nas trilhas do reencantamento da natureza: uma ecologia do corpo sagrado e errante**. 298 f. Tese (Doutorado em Educação Física).

Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, Brasil, 2004.

PIMENTEL, Giuliano., G., A. **Esportes na natureza e atividades de aventura: uma terminologia aporética.** Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 35, n. 3, p. 687-700, jul./set. 2013.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

TAHARA, A.K.; DARIDO, S. **Práticas corporais de aventura em aulas de educação física na escola.** Conexões, Campinas – SP. 2016.

TANI, G. **Perspectivas para a educação física escolar.** Rev.paul. Educ. Fís.f São Paulo, 5(1/2):61-69, jan./dez. L991

UVINHA, R. R. **Juventude, la zer e esportes radicais.** São Paulo. Manole, 2001.

VIRILIO, Paul. **Os motores da história.** In: ARAÚJO, Hermetes Reis (org.). **Tecnociência e cultura – ensaios sobre o tempo presente.** São Paulo: Estação Liberdade, 1998, p.127-146.

APÊNDICE I



Questionário aplicado a professores de Educação Física, para pesquisa de trabalho de conclusão de curso.

1. Já trabalhou ou trabalha atividades físicas na natureza e esportes de aventura em suas aulas?

SIM NÃO

2. Se a resposta anterior foi sim, fale um pouco sobre quais as motivações, quais as dificuldades e um pouco de como se deu esse trabalho.

Se a resposta anterior (1) foi não, indique os motivos de não usualidade da prática.

APÊNDICE II

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

Prezado(a) Senhor(a), você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa de forma totalmente voluntária da Universidade Federal de Lavras. Antes de concordar, é importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. Será garantida, durante todas as fases da pesquisa: sigilo; privacidade; e acesso aos resultados.

I - Título do trabalho experimental: Atividades Físicas na natureza e esporte de aventura na Educação Física escolar em uma escola de Lavras – MG

Pesquisador(es) responsável(is): Leonardo De Souza Pepe Luz

Cargo/Função: Discente

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Lavras – UFLA / DEF

Telefone para contato: (35) 99777-7029

Local da coleta de dados: Colégio Tiradentes da PMMG

II - OBJETIVOS

Reforçar a importância das atividades físicas na natureza no ambiente escolar.

Identificar a presença ou a ausência das atividades físicas na natureza nas aulas de Educação Física.

III – JUSTIFICATIVA

Justifica-se este estudo, ao passo que compreendemos a pluralidade de conteúdos que compõem a Educação Física Escolar, e a ausência das atividades físicas de natureza e esporte de aventura nas aulas de Educação Física acaba por negligenciar saberes importantes.

IV - PROCEDIMENTOS DO EXPERIMENTO

AMOSTRA

Professores

EXAMES

Entrevista

V - RISCOS ESPERADOS

VI – BENEFÍCIOS

Oportunidade de contribuir com os estudos acerca das atividades de natureza nas aulas de Educação Física.

VII – CRITÉRIOS PARA SUSPENDER OU ENCERRAR A PESQUISA

VIII - CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Projeto de Pesquisa. Lavras, de de 20 .

Nome (legível) / RG

Assinatura

